

## A confirmação do poeta Oswaldo de Camargo em *30 poemas de um negro brasileiro*

*Confirmation of the poet Oswaldo de Camargo in 30 poemas de  
um negro brasileiro*

Ricardo Silva Ramos de Souza  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
[risoateli@gmail.com](mailto:risoateli@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5895-6046>

CAMARGO, Oswaldo de. *30 poemas de um negro brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Nos últimos anos, a editora Companhia das Letras começou a publicar obras literárias de nomes históricos entre as autorias negras brasileiras, casos de Carlos de Assumpção (1927), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Cuti (1951) e Oswaldo de Camargo (1936). Para Carolina, criou-se até um conselho editorial formado por sua filha, Vera Eunice, a escritora e crítica literária Conceição Evaristo, entre outras pesquisadoras de sua obra. Já Oswaldo de Camargo foi contemplado, até o momento, com três obras: *O carro do êxito: contos* (2021), a novela *A descoberta do frio* (2022) e *30 poemas de um negro brasileiro*, este objeto desta resenha.

Todos esses autores, com o devido mérito e a relevância de suas obras para a Literatura Brasileira, merecem constar no catálogo da editora de maior sucesso comercial do país. A respeito de Oswaldo de Camargo, o autor possui uma longa trajetória literária iniciada em 1959 com o livro de poesia *Um homem tenta ser anjo*, quando já estava envolvido com a Associação Cultural do Negro (ACN), instituição do movimento negro paulistano com militantes que atuavam desde as décadas de 1920-1930, como José Correia Leite. Mais à frente, Camargo se juntaria a jovens escritores negros no final dos anos 1970, sendo respeitado por sua experiência, conhecimento cultural, militância, erudição e de ideias para a elaboração de uma vertente literária brasileira considerando o

ponto de vista negro. Nesse período, participa do primeiro volume da série *Cadernos Negros* (1978), do surgimento do Quilombhoje Literatura, seus poemas integram antologias de poesia negra brasileira e, desde a década de 2010, publica livros de diferentes gêneros literários, como poesia, novela e autobiografia, e se consagrando como pesquisador, ensaísta e crítico literário com ênfase nas autorias negras brasileiras e sua relação com a imprensa e o associativismo negros. Trabalhou como revisor, redator e editor, desde jornais do grupo *O Estado de São Paulo* a impressos da imprensa negra, principalmente os vinculados à Associação Cultural do Negro, onde foi, apesar de sua juventude, um quadro importante para a instituição durante os anos 1950-1960, exercendo diversas funções ligadas a essas publicações.

*30 poemas de um negro brasileiro*, publicado pela Companhia das Letras em 2022, reproduz na íntegra *15 poemas negros*, seu segundo livro de poesia, e inclui mais quinze poemas recolhidos de *O Estranho* (1984) e de *Luz & breu: antologia poética 1958-2017*. O livro *15 poemas negros* foi editado pela Associação Cultural do Negro em 1961 como terceiro volume da “Série Cultura Negra”, originalmente chamada “Cadernos de Cultura da ACN - Série Cultura Negra”. Na época, o livro alcançou alguma repercussão para além do reduzido ciclo de militância negra devido ao prefácio do sociólogo Florestan Fernandes, então frequentador dos eventos comemorativos da ACN (Camargo, 2022, p. 28).

Qual seria a importância de uma reedição ampliada de *15 poemas negros*, agora em uma nova obra intitulada *30 poemas de um negro brasileiro*? Primeiro, pelo seu valor histórico, de uma obra rara, sob a chancela da Associação Cultural do Negro e fora de catálogo desde 1961, com alguns poucos poemas circulando em antologias, além de conter o prefácio de Fernandes. Segundo, possibilitar o contato com mais 15 poemas de Camargo incluídos no livro *O Estranho* e de poemas integrantes da série *Cadernos Negros*. Terceiro, talvez o grande trunfo da edição atual, uma “Carta a Florestan Fernandes”, de autoria do poeta, relatando com humildade, sensibilidade, reverência e aproveitando-se da distância temporal para resgatar as memórias iniciais com o sociólogo, comentando o prefácio da primeira edição e fazendo confidências sobre aquele livro e de sua vida particular, com foco nas incertezas de um jovem ainda inseguro com a sua produção. Trata-se de uma carta que se configura como importante documento para pesquisadoras/res da obra camarguiana e do movimento negro, especialmente da ACN.

Em *15 poemas negros*, Camargo reitera a condição do sujeito lírico com a sua subjetividade negra e traz, segundo o poeta, “as marcas do que eu captava da alma da Associação” (Camargo, 2022, p. 30). Já nesse novo livro, o título *30 poemas de um negro brasileiro* acrescenta a dupla condição de ser negro e brasileiro, o que pode ser, em muitos momentos, condições inconciliáveis em razão do racismo e do que as classes dominantes projetam para a identidade do país, em que a mestiçagem é sedimentada no ideal de embranquecimento, conforme Munanga (2008), mas que remete, principalmente, à dupla consciência de W. E. B. Du Bois, formulada no início do século XX, quando demonstra a inquietação do cidadão de ser negro e americano, drama ampliado para a diáspora negra nas Américas:

É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroce. A história do negro americano é a história desta luta [...]. Ele simplesmente deseja que alguém possa ser ao mesmo tempo Negro e americano sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus camaradas, sem ter as portas da Oportunidade brutalmente batidas na cara (Du Bois, 1999, p. 54).

O sujeito lírico de Camargo vivencia esse conflito de forma intensa e angustiante nos quinze poemas da edição original. Para tanto, o poeta busca a chave para amenizar a inquietação do sujeito lírico que é, por conseguinte, a inquietação da pessoa negra consciente de sua condição racial em uma sociedade projetada para o sucesso do homem branco e da mulher branca. Nesse sentido, as portas da Oportunidade, citadas por Du Bois, são restritas, e cabe aqui o diagnóstico de Frantz Fanon (2008) a respeito da desalienação do negro a partir da sociogenia, pois esta implica tomada de consciência de sua condição histórica, econômica e social.

Nessa perspectiva, a poesia de Camargo vai se concentrar em recursos metafóricos, como o grito e o contraste entre dia e noite, identificando-se com esta (Fillipo, 2007); os diferentes questionamentos sobre a existência do sujeito lírico cindido entre a cultura ocidental, a sua herança africana e pele negra em um mundo projetado para o grupo racial dominante; o apoio na espiritualidade católica para confortar o ser; o uso constante de anáforas para valer-se da repetição como forma de reiterar formulações de

seu pensamento; e o uso vário de reticências, que ajudam a deixar em aberto as reflexões propostas pelos poemas.

Assim, a abertura do livro com “Canção amarga” evidencia o conflito do sujeito lírico a partir de seu corpo negro nesse poema-devir:

Eu venho vindo, ainda não cheguei...  
Mas vive aqui meu velho pensamento,  
que se adiantou, enquanto demorei...

Na mornidão de um solo bem crestado  
(é o território estreito de meu corpo) [...]

E, preso ao ser que sou, soluço e babo,  
na terra preta de meu corpo amargo...  
Porém na hora exata cantarei...  
Eu venho vindo, ainda não cheguei... (Camargo, 2022, p. 41)

“Canção amarga” traz uma leitura potencializada pelo ritmo circular da repetição do verso que inicia e encerra o poema. A indeterminação dos verbos que indicam movimento e tempo reforçam o drama desse sujeito lírico negro em sua introspecção, instigando leitores/as a questionar de onde vem e aonde quer chegar, mas isto se trata de um movimento da consciência negra, o qual o sujeito lírico está ciente de que virá, “Porém na hora exata cantarei...”.

Essa relação corpo-consciência vai se repetir com outras imagens dramáticas em “Grito de angústia”, este o mais celebrado poema de Oswald de Camargo quando recitado na Associação Cultural do Negro:

Dê-me a mão.  
Meu coração pode mover o mundo  
com uma pulsação...  
Eu tenho dentro em mim anseio e glória  
que roubaram a meus pais. [...]

Eu conheço um grito de angústia,  
e eu posso escrever este grito de angústia,  
e eu posso berrar este grito de angústia,  
quer ouvir?  
“Sou um negro, Senhor, sou um... negro!” (Camargo, 2022, p. 67-68)

Em “Grito de angústia” revela-se um recurso comum na poesia de Camargo, no qual o poema parte de uma situação individual para tratar de um problema da coletividade negra com o uso de imagens sofisticadas. Do acolhimento e solidariedade do verso inicial,

curto e carregado de suspense, pois não se sabe qual a intenção do sujeito lírico, parte-se para uma afirmação surreal que demonstra a força de vontade de mudança: “Meu coração pode mover o mundo/ com uma pulsação...”. Essa mudança está relacionada com o histórico de injustiças sofrido pela população negra brasileira. A tormenta do que foi tirado, os seus valores enquanto pertencente ao grupo racial negro, são as angústias do poeta. Por isso, não dá mais para ficar calado, pois o sujeito lírico quer ser por inteiro, rompendo as estruturas sociais que causam esse conflito e criam dificuldades devido à sua cor (Fanon, 2008). Daí, ele utiliza uma gradação que começa na sua subjetividade, o conhecer, e parte para a sua comunicação, os atos de escrever e de berrar o seu “grito de angústia”: “Sou um negro, Senhor, sou um... negro!” (Camargo, 2022, p. 68). Com isso, o sujeito lírico segue a afirmação fanoniana (2008) de restituir ao outro a sua realidade humana, de transformação da certeza subjetiva em verdade objetiva, na busca de um mundo com um novo humanismo, de reconhecimentos recíprocos entre brancos e negros.

Já no poema “Meu grito”, o sujeito lírico procura se voltar para a sua herança africana, dispersa em sua memória, quase um território desconhecido (Fillipo, 2007), negada na história do Brasil por estereótipos e preconceitos. Mais uma vez, o conflito entre a cultura que se deseja no Brasil, vinculada à Europa, e o pertencimento do sujeito lírico à sua raça:

[...] Meu grito é um espasmo que me esmaga,  
há um punhal vibrando em mim, rasgando  
meu pobre coração que hesita  
entre erguer ou calar a voz aflita:  
Ó África! Ó África!

Meu grito é sem cor, é um grito seco,  
é verdadeiro e triste...  
Meu Deus, por que é que existo sem mensagem,  
a não ser essa voz que me constrange,  
sem eco, sem lineios, desabrida?  
Senhor! Jesus! Cristo!  
Por que é que grito? (Camargo, 2022, p. 43)

Este poema está próximo das idealizações do continente africano presentes na poesia do Harlem Renaissance, como em “O Negro fala dos rios”, de Langston Hughes. Assim, Camargo não africaniza sua poesia com religiões, vocábulos e ritmos de origens africanos como utilizados pelo negrismo, vertente do modernismo brasileiro, mas demonstra o seu conflito existencial ao mencionar algo que pouco conhece: a sua origem;

busca uma África distante, desconhecida, recorrendo à sua fé católica para procurar respostas às suas tormentas.

Dentre os outros quinze poemas selecionados, destaque para “Em maio”, poema lançado no volume de estreia da série *Cadernos Negros* em 1978. Neste poema, diante da efemeridade dos noventa anos da abolição da escravatura no Brasil, o sujeito lírico propõe a revisão histórica do 13 de maio de 1888 e traz outro ponto de vista para a protagonista registrada pela história oficial, mostrando o descompasso com a celebração oficial e a situação de abandono de maior parte da população negra brasileira:

[...] Em maio uma tal senhora Liberdade se alvoroça,  
e desce às praças das bocas entreabertas  
e começa:  
"Outrora, nas senzalas, os senhores..."  
Mas a Liberdade que desce à praça  
nos meados de maio,  
pedindo rumores,  
É uma senhora esquelética, seca, desvalida  
e nada sabe de nossa vida. [...] (Camargo, 2022, p. 111)

Neste poema há uma mudança na escrita do poeta, pois, ao participar de um coletivo literário negro, o poema revela uma linguagem mais incisiva, diferindo dos quinze poemas iniciais. Embora aqueles poemas demonstrassem problemas comuns à população negra, a sua forma direcionava-se para a subjetividade do indivíduo, dos seus conflitos internos e espirituais, e a linguagem era mais branda. Com a geração surgida em *Cadernos Negros*, poetas como Cuti, Jamu Minka, Miriam Alves, entre outros, aparece, de fato, uma dicção mais próxima da Negritude francesa, movimento político e cultural iniciado na década de 1930, de enfrentamento ao racismo, de valorização da autoestima de negras e negros, entre muitos outros assuntos relacionados à experiência da população negra brasileira e da diáspora negra.

Após a leitura desse livro, destaca-se a importância de reedições de obras de autorias negras do passado, algo raro no mercado editorial brasileiro, principalmente dessa geração que surgiu em torno da Associação Cultural do Negro. Por fim, revisitar parte dos mais de sessenta anos de vida literária de Oswaldo de Camargo, proporcionado pela publicação de *30 poemas de um negro brasileiro*, auxilia na compreensão dos dilemas e desafios das autorias negras brasileiras para desenvolver uma literatura focalizada no ativismo negro, na luta contra o racismo e no pertencimento a uma

identidade negra e brasileira. Porém, em nenhum momento se entrega a imagens fáceis ou militantes, construindo um caminho de depuração da palavra, reinventando a linguagem para exercitar o desafio de assumir sua identidade, sem negar as contribuições do mundo ocidental branco para a formação de seu ser.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Oswald de. *30 poemas de um negro brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução: Heloísa Toller Gomes. 1. ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FILIPPO, Thiara Vasconcelos de. *Imagens poéticas: o negro, a África e a noite na literatura de Oswald de Camargo*. 2007. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Recebido em: 27/01/2025

Aceito em: 17/03/2025

**Ricardo Silva Ramos de Souza:** Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ. Graduado em Letras pela Universidade Estácio de Sá/RJ.